



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

**DO QUILOMBO PARA A
ESCOLA: EDUCAÇÃO DE
JOVENS EM CONTEXTOS
URBANOS SEM ESCOLAS
QUILOMBOLAS**

**FROM THE QUILOMBO TO THE
SCHOOL: EDUCATION OF YOUNG
PEOPLE IN URBAN CONTEXTS WITHOUT
QUILOMBOLA SCHOOLS**

Lueci da Silva Silveira

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: lueci22@yahoo.com.br

Carla Beatriz Meinerz

Pós-doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino e Currículo e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: carlameinerz@gmail.com

Resumo: O artigo resulta de uma escrita conjunta que reflete sobre os dilemas que os jovens quilombolas de uma comunidade urbana (Quilombo Areal da Baronesa) enfrentam para construir suas trajetórias educativas. São jovens que vivem num território quilombola na cidade de Porto Alegre, sem escola específica, ocupando diariamente espaços de ensino pouco preparados, na perspectiva da Resolução nº 08/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Tais orientações legais, construídas na forma de políticas públicas educacionais vinculadas aos processos contemporâneos de reparação histórica, são atravessadas pelos embates causados pela branquitude e pelo racismo estrutural e institucional, resultantes da colonização imposta aos povos de África e América. Inspira-se nos termos cunhados por Antônio Bispo dos Santos (2015) – *transfluências* e *confluências* – para tecer a comparação entre formas de educar e ensinar nas comunidades escolares e nas comunidades quilombolas, experimentadas pelas juventudes. O artigo está relacionado a uma pesquisa de mestrado em Educação e utiliza análise documental, revisão bibliográfica e entrevistas abertas como metodologia.

Palavras-chave: Educação escolar. Educação quilombola. Juventudes. Relações étnico-raciais.

Abstract: The article is the result of a joint writing that reflects on the dilemmas that young quilombolas from an urban community (Quilombo Areal da Baronesa) face in the elaboration of their educational trajectories. They are young people who live in a quilombola territory in the city of Porto Alegre, without a specific school, occupying daily teaching spaces little prepared, in the perspective of Resolution nº 08/2012, which defines the National Curriculum Guidelines for Quilombola School Education. Such legal guidelines, constructed in the form of public educational policies linked to contemporary processes of historical repair, are crossed by the clashes caused by whiteness and structural and institutional racism, resulting from the colonization imposed on the peoples of Africa and America. It is inspired by the terms coined by Antônio Bispo dos Santos (2015) – *transfluences* and *confluences* – to make a comparison between ways of educating and teaching in school communities and quilombola communities, experienced by youths. The article is related to a master's research in Education and uses document analysis, bibliographic review, and open interviews as a methodology.

Keywords: School education. Quilombola education. Youths. Ethnic-racial relations.

Introdução

[...] Ensinar é diferente de educar. Ensinar é compor sabedoria. É pensar junto, é fazer junto. E tem o segredo: o saber orgânico não é privatizado, não é mercantilizado. Nosso saber é compartilhado. Nas comunidades, as mestras e os mestres não são quem tem mais material acumulado. Nunca são. Geralmente os mestres e as mestras é quem menos têm bens materiais. Porque eles acreditam na sabedoria. Nós acreditamos que o nosso saber nos sustenta.¹

Inspiramos nossa escrita na distinção estabelecida por Antônio Bispo dos Santos² entre o ensinar e o educar na perspectiva quilombola e quilombista³, buscando compreender os dilemas vividos por jovens de uma comunidade urbana – o Quilombo Areal da Baronesa, que são ensinados pelos mais velhos de uma determinada maneira, porém encontram nas escolas outras propostas de ensino, que impactam suas trajetórias. No caminho da comunidade até a escola são atravessados territórios espaciais e simbólicos. Sobre esse percurso ou travessia tentamos refletir, a partir da escuta de um grupo organizado e denominado *Influência Jovem*. A escrita resulta de um processo de pesquisa em andamento na qualidade de mestrado em Educação.

O que se aprende na comunidade, com os mais velhos, numa perspectiva de ensinar saberes quilombolas? O que se aprende na escola, com os colegas e os professores, na qualidade de saberes ensinados a partir de um modelo eurocentrado? Que *confluências* e *transfluências* observamos nessas aprendizagens distintas?

Em ambos os casos, partimos do foco nas singularidades das culturas juvenis experimentadas numa comunidade quilombola urbana. A premissa de que todos nós nos construímos como sujeitos na interação com os demais faz com que optemos pela abordagem nas relações intergeracionais vividas pelos jovens em questão.

Uma especificidade do grupo em análise refere-se ao fato de que tais jovens não estudam numa escola quilombola, situada em sua comunidade. Porto Alegre possui mais de sete comunidades quilombolas e nenhuma escola. Assim, os jovens estudam em escolas próximas dos territórios em que vivem. Ou se deslocam para longe, conforme as decisões do grupo a que pertencem.

¹ NÊGO Bispo, saberes quilombolas – Parte 2. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. 1 vídeo (21min04s). Apresentado por Antonio Bispo dos Santos. Publicado pelo canal Encruzilhada Grupo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeoo5DYc&t=288s>. Acesso em: 10 abr. 2020.

² SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: UnB/INCTI, 2015.

³ NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

Sabemos que, para uma instituição de ensino ser reconhecida como escola quilombola, é preciso estar dentro de um território quilombola já reconhecido e fazer o processo de cadastro na Secretaria de Educação do Município. A Secretaria realiza o cadastramento da Escola junto ao Ministério de Educação. Se a comunidade não possui uma escola em seu território, as escolas que atendem suas crianças e jovens (fora do território da comunidade) são igualmente passíveis de implementar ou se beneficiar das políticas públicas para elas construídas. Como isso é vivido pelos jovens com os quais dialogamos em processos colaborativos de pesquisa?

O Areal que nos encanta: o imaginário e um pouco de história

O Quilombo do Areal, carinhosamente conhecido como Areal da Baronesa, onde se pretende realizar a pesquisa, está localizado em uma pequena rua estreita e sem saída chamada Avenida Luiz Guaranha, com casas geminadas. Está situado entre os bairros Cidade Baixa e Menino Deus, em Porto Alegre. Tem uma destacável representatividade histórica dentro do contexto de um local com as marcas de presença negra no município, pois, a partir da segunda metade do século XIX, o maior contingente de negros se encontrava nas cercanias da cidade, no Areal da Baronesa, na Cidade Baixa, nas imediações da atual Lima e Silva e na chamada Colônia Africana, nos atuais bairros Bom Fim, Mont’Serrat e Rio Branco. Acerca desses territórios, podemos ressaltar que:

[...] a Colônia Africana, o Areal da Baronesa, a Ilhota e Cabo Rocha, são exemplos de territórios negros urbanos submetidos à prática da descaracterização, além de outros territórios nômades de ocupação efêmera na cidade como a Esquina do Zaire [...]⁴

Antigamente, o Areal tinha seu significado ligado aos “pequenos lugarejos” separados dos centros urbanos, indicando, na Porto Alegre do final do século XIX, as regiões próximas do núcleo central.⁵ Sommer destaca que:

[...] O acesso à Ilhota somente era possível através das pontes, precariamente construídas por seus habitantes. Nos anos 30 e 40, a Ilhota esteve associada, no imaginário social porto-alegrense, ao carnaval popular, ao samba e ao batuque.⁶

Durante a década de 1970, muitas famílias foram removidas para bairros mais periféricos da cidade e o local perdeu inteiramente suas características depois da execução do

⁴ SOMMER, Michelle Farias. *Territorialidade negra: a herança africana em Porto Alegre: uma abordagem sócio-espacial*. Porto Alegre: Michelle Farias Sommer/Fumproarte/Secretaria Municipal da Cultura, 2011, p. 98-99.

⁵ SOMMER, 2011, p. 100.

⁶ SOMMER, 2011, p. 100.

Projeto Renascença, executado entre os anos 1975 e 1979⁷, que resultou na abertura da Avenida Érico Veríssimo, precedida de desapropriações na antiga Ilhota.

No Areal, certificado em 2004 pela Fundação Cultural Palmares como quilombo urbano, a população é composta de maioria pobre e afrodescendente, que,

[...] Resgatando sua trajetória histórica e seus mitos de origem, há alguns anos se autorreconheceu como Comunidade Remanescente de Quilombos junto à Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura. Esses moradores alegam que a região que habitam, anteriormente denominada Areal da Baronesa, abrigava grande número de descendentes de escravos, tendo sido paulatinamente descaracterizada durante o século XX. Assim, reivindicam-se como reminiscência viva deste antigo território negro, onde eram abundantes os cortiços e avenidas, de que restam poucos exemplos atualmente.⁸

Essa comunidade se reconhece como legatária do Areal da Baronesa, antigo território negro de Porto Alegre, um tanto famoso por sua trajetória histórica ligada ao início da cidade, agregando uma das primeiras ruas de Porto Alegre, também por suas casas de religião, pelo carnaval de rua, por seus músicos populares⁹.

Como assinala o Relatório Sócio Histórico Antropológico¹⁰, não é preciso ressaltar que essas avenidas são, desde seu surgimento, habitadas por populações pobres e afrodescendentes. Com isso, destacamos aqui as sociabilidades de rua e as relações de auxílio que ocorrem mutuamente, se caracterizando como um modo de vida, que é um dos elementos centrais na identidade dessa comunidade. Bittencourt Junior afirma que:

[...] Os territórios quilombolas rurais e urbanos têm em comum histórias de tradição, de estigmatização, de marginalização e exclusão social, mas, também, múltiplos vínculos com a herança africana e são unificados por territórios, de modo diferente em cada quilombo, por meio dos quais garantem a reprodução sociocultural, consolidam a **identidade negra**, preservam as áreas sagradas e o cemitério; respeitam as águas, a flora e a fauna; mantêm as relações intersubjetivas e a coesão dos grupos de parentesco, as festas e rituais religiosos; preservam patrimônio imaterial e material onde ficam as roças e as ervas.¹¹

⁷ SOMMER, 2011, p. 101.

⁸ MARQUES, Olavo Ramalho. *Entre a Avenida Luís Guarânia e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 9.

⁹ MARQUES, 2006.

¹⁰ MARQUES, Olavo Ramalho; MATTOS, Jane Rocha de. “*Morar em casa de avenida*” - *Quilombo do Areal: legatários do Areal da Baronesa (Relatório Sócio-Histórico-Antropológico)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH; INCRA, 2005.

¹¹ BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Territórios negros residenciais e interacionais: quilombos, vilas e bairros residenciais rurais e urbanos. In: BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho; SABALLA, Viviane Adriana (Orgs.). *Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 109. (grifo nosso)

Pontuamos que, assim como no passado, privado da liberdade, esses espaços designavam os lugares sociais de exclusão, da mesma forma, o negro, vivenciando os valores afro-brasileiros em comunidade, também soube construir, com sua história e patrimônio cultural, o que se conhece como territórios negros afirmativos. Vê-se que esses territórios são construídos e vivenciados por meio da diversidade de percursos, com os quais os negros traçam limites, especificam variados lugares mediados pela ação de corpos orientados pela memória coletiva e por diversas culturas singulares africanas ou brasileiras e, também, com influência desta e de outras matrizes culturais.

Os cativos e negros livres foram articulando modelos novos de resistência, de forma a estabelecer processos de *aquilombamento urbano*, de redes de socialização, em geral caracterizados por uma multiplicidade de territórios negros e suas diversas maneiras de ser¹².

Observamos que, em Porto Alegre, a Família Silva¹³ foi a primeira comunidade negra a configurar-se como primeiro Quilombo Urbano do Brasil, recebendo o título definitivo de suas terras. Em 03 de junho de 2004 foi a vez do Quilombo do Areal receber a Certidão de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares. O autorreconhecimento como Remanescentes de Quilombos¹⁴ representou mais um passo na luta constante que a comunidade empreendia pelo direito a seu território e espaço de moradia¹⁵.

Finalmente, é relevante apontar que, na contemporaneidade, a comunidade habita um espaço altamente valorizado do ponto de vista imobiliário, fato gerador de conflitos simbólicos e concretos capazes de incidir na vivência dos jovens e nos olhares a eles lançados quando atravessam a cidade a caminho das escolas em que estudam.

Ser jovem estudante numa comunidade quilombola urbana: o caso do Areal da Baronesa

¹² BITTENCOURT JUNIOR, 2012, p. 111.

¹³ Ver em: RÁDIO SENADO. *Família Silva*: primeiro quilombo urbano regularizado no Brasil. Reportagem de Larissa Bortoni e Maurício de Santi. 2 áudios (14min38s e 12min20s). Brasília, Senado Federal, 13 maio 2009. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/157143>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹⁴ COSTA, Ângela Maria Faria da. *Quilombos urbanos, segregação espacial e resistência em Porto Alegre/RS: uma análise a partir dos Quilombos do Areal e da Família Silva*. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p. 49.

¹⁵ Em julho de 2015, o então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, entregou o Areal da Baronesa à comunidade quilombola, sancionando a Lei que faz esse reconhecimento, agora com o título de área especial de interesse cultural à Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal, conforme o Decreto Federal 4887/2003.

Discutimos o termo *ser jovem estudante numa comunidade quilombola urbana* pensando na tríade complementar que tal realidade conceitual representa, tendo em sua abrangência a comunidade, o jovem e a educação. Não há um ponto único ou central para pensar o significado de tal termo, pois os três elementos são essenciais para a compreensão do fenômeno em análise. Para fins da escrita, optamos por tratar cada um deles separadamente, para finalmente os associar por meio da complexidade que se estabelece na conjunção do termo articulado em conceitos como comunidade quilombola urbana, território e educação.

Em nossas revisões de literatura, encontramos poucas pesquisas focadas em jovens de quilombos urbanos. Mas é inevitável entender que esses sujeitos também vivenciam a relação de segregação e resistência, que permeiam a existência dessas comunidades urbanas. Esses são componentes da resistência na manutenção de seus territórios, em face da constante transformação do espaço urbano ao longo do tempo, que remove populações para os subúrbios, desinteressantes do ponto de vista econômico, isto é, para as periferias desvalorizadas da cidade. Contudo, é interessante observar que esses jovens podem conduzir valores voltados para a afirmação dos costumes e tradições, como práticas que foram fruto do conhecimento familiar e ancestral. Percebemos também “[...] a reafirmação da identidade negra, principalmente por apresentar suas origens e requerer um espaço que é seu sem negar a sua negritude”¹⁶. Salientamos que ainda permanece no imaginário social e acadêmico (não especializado na temática quilombola) a ideia de que quilombos são prioritariamente aqueles assentados em zonas rurais. Partimos da questão: como pensar educação quilombola de jovens que vivem em comunidades urbanas?

Ser jovem. Abordar o jovem como protagonista social é oportunizar uma série de reflexões. A juventude, segundo Fabbrini e Melucci¹⁷, é uma categoria social criada por adultos e pode explicitar a inquietação destes diante do que muda. A mudança e a possibilidade de pensar sobre ela são características fundamentais para compreender as juventudes numa perspectiva plural e sócio-histórica. O desafio em construir uma definição acerca das juventudes vem sendo apontado por muitos autores brasileiros no campo da educação, entre eles Sposito¹⁸

¹⁶ LULA, Júlia Barreto. Quilombos urbanos: integração, resistência e multiculturalismo. *Revista África e Africanidades*, Ano XI, n. 29, fev. 2019, p. 1. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/0020022019.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

¹⁷ FABBRINI, Anna; MELUCCI, Alberto. *A idade de ouro*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

¹⁸ SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação. *Juventude e Escolarização (1980-1998)*, Brasília, DF, n. 7, p. 7-33, 2002. Série Estado do Conhecimento. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/estadoconhecimento/article/view/4406/3755>. Acesso em: 5 jun. 2020.

e Dayrell¹⁹, que inovaram ao vislumbrar, nesse campo, o jovem como sujeito social, para além da categoria de aluno.

Assim, a juventude nas sociedades urbanas e complexas pode ser definida como aquele momento em que se vive constantes mudanças e descobertas acerca de quem somos, quais nossas diferenças em relação aos outros, do ponto de vista comunitário, racial, social, de gênero ou sexualidade.

Ser estudante. Os processos de escolarização modernos e contemporâneos estão relacionados com os processos civilizatórios e com os processos de socialização, que incluem a adaptação do indivíduo à sociedade vigente ou emergente, conforme sua origem social. Norbert Elias²⁰ demonstra que os tipos de comportamento considerados próprios do homem branco, civilizado e ocidental, resultam de um processo histórico de longo prazo, mediante mudanças lentas e graduais. Sentimentos como vergonha e delicadeza, medo e desagrado sofreram mudanças específicas nesse processo, assim como a diferenciação entre a sua experiência vivida por crianças e adultos. Com isso, o autor destaca as ligações entre mudanças na estrutura da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psíquica do indivíduo. Segundo Elias,

[...] O processo específico de ‘crescimento’ psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso.²¹

A questão, no caso dos jovens estudantes de comunidades quilombolas urbanas, é que eles se educam nas fronteiras do projeto civilizatório proposto pela escola, de tradição moderna/eurocentrada/branca e do projeto ancestral/afroperspectivado/negro/quilombola. Se as culturas juvenis apresentam uma pluralidade de expressões dos modos de ser jovem, nesta escrita buscaremos as especificidades das suas experiências no âmbito urbano.

¹⁹ DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/a-musica-entra-em-cena-o-rap-e-o-funk-na-socializacao-da-juventude-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

²⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

²¹ ELIAS, 1994, p. 15.

Ser de uma comunidade quilombola urbana. Utilizaremos a tríade proposta por Georgina Helena Lima Nunes²², destacando Território, Identidade e Educação como elementos para discutir o quilombo urbano, na qualidade de território negro. As marcas de exclusão social, comumente relacionada aos grupos que vivem em bairros periféricos da cidade, também demarcam os quilombos urbanos. A liderança quilombola Rosângela da Silva Ellias, mais conhecida como Janja²³, de um dos sete quilombos urbanos existentes em Porto Alegre, nos traz uma frase para reflexão: “Nós enxergamos a cidade, mas a cidade não nos enxerga”. Essa afirmação se faz presente na situação vivida pelas lideranças e jovens do Quilombo do Areal, que se deslocam para as escolas do entorno, pois não possuem esse serviço em sua comunidade.

É fundamental ressaltar que, entre os objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, estão presentes:

III – assegurar que as escolas quilombolas e as **escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas** considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino-aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico; IV – assegurar que o modelo de organização e gestão das escolas quilombolas e das **escolas que atendem estudantes oriundos desses territórios** considerem o direito de consulta e a participação da comunidade e suas lideranças, conforme o disposto na Convenção 169 da OIT.²⁴

Nesse caso, se a escola atender estudantes oriundos de territórios quilombolas, é necessário que tal especificidade esteja presente no Projeto Político Pedagógico da Escola, considerando em especial essa particularidade pluricultural. No caso de Porto Alegre, ressaltamos que não há nenhuma escola em território quilombola, portanto, o estudo se complexifica na busca de escolas que atendam as comunidades urbanas autodeclaradas, como o Quilombo do Areal da Baronesa.

Com alguns instrumentos normativos e jurídicos em mãos, é essencial que, além do conhecimento das Diretrizes, façamos a leitura do Parecer n. 16/2002²⁵, que as embasa. Se a

²² GEORGINA Helena Lima fala sobre educação escolar quilombola. Brasília, DF: EBC, 2012. 1 vídeo (24min52s). Apresentado por Georgina Helena Lima Nunes. Publicado pelo canal EBC na Rede. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4HNACpq32VA&t=164>. Acesso em: 2 ago. 2020.

²³ Rosângela da Silva Ellias, a Janja, é liderança no Quilombo dos Alpes, localizado no Morro dos Alpes/Glória, Bairro Cascata, em Porto Alegre. O trecho está presente como epígrafe na publicação “Memórias de trabalho e não trabalho quilombola”, de autoria do Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul, ano 2019.

²⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012a. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_8_201112.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019. (grifo nosso)

²⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 16/2012*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF, 2012b. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

escola que atende a maioria dos jovens quilombolas for pertencente ao sistema estadual de ensino, é imprescindível que a Secretaria Estadual de Educação dê atenção especial e, principalmente, suporte, ao que se sabe, a ser realizado pela Assessoria de Educação para as Relações Étnico-Raciais. Complementa-se que o estado do Rio Grande do Sul possui instrumentos normativos e jurídicos que tratam do estabelecimento da educação das Relações Étnico-Raciais no seu Sistema Estadual de Ensino, sendo estes a Resolução n. 297/2009 e o Plano Estadual de Implementação das Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino das Culturas e Histórias Afro-Brasileiras, Africanas e dos Povos Indígenas. Em 7 de janeiro de 2009 foi definida a Resolução n. 297, que:

Institui normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e trata da obrigatoriedade da inclusão do estudo da história e cultura indígena nos currículos escolares das instituições de ensino integrantes do Sistema Estadual de Ensino.²⁶

Tal resolução foi instituída, fundamentalmente, para cumprir a Lei n. 10.639/2003. Ponderou-se no documento que a tarefa do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul está relacionada à capacidade que a sociedade e o Estado têm de reconhecer as diversidades que marcam nossa população, somando-se a isso a reparação das consequências decorrentes de discursos, raciocínios, lógicas, posturas, “[...] modos de tratamento oriundos de preconceitos e geradores de exclusão e injustiças vivenciadas, com destaque, pela população negra”²⁷.

Juventudes, relações intergeracionais, comunidades quilombolas e processos de escolarização: confluências e transfluências

Ainda jovem, me vi em crise de identidade. Aceitar minha origem significava ter que abandonar uma série de comportamentos que já estavam introjetados dentro de mim e eu não tinha coragem de fazer isso. Via que as meninas de minha idade se afastavam de mim e aliei o fato de ser índio à ideia da falta da beleza. Seria feio? Achava que sim. De outro modo, como entender que as meninas se afastavam de mim, não tinham interesse em me namorar? [...] Nestas minhas idas e vindas da aldeia para a cidade é que pude ir entendendo o que a cidade tinha para me oferecer. E ouvindo as histórias que meu velho avô contava, foi que percebi o que os povos tradicionais podiam oferecer à cidade.²⁸

²⁶ RIO GRANDE DO SUL (Estado). Conselho Estadual de Educação. *Resolução n° 297*, de 07 de janeiro de 2009. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://www.ceed.rs.gov.br/download/1231755878reso_0297. Acesso em: 20 jun. 2020.

²⁷ RIO GRANDE DO SUL, 2009.

²⁸ MUNDURUKU, Daniel. Em busca de uma ancestralidade brasileira. *Fazendo Escola*, Alvorada, v. 2, p. 40-42, 2002.

Nosso texto não trata de comunidades indígenas, mas a citação acima dialoga com o que estamos a abordar, pois Daniel Munduruku narra os dilemas experimentados no que ele nomeia como “ainda jovem”. As comunidades quilombolas, assim como as indígenas, são compreendidas como tradicionais, na qualidade de guardiãs de práticas e de saberes próprios, transmitidos principalmente pela oralidade e pela convivência entre mais jovens e mais velhos. Embora esses conceitos de ciclos da vida (infância, juventude, adultez e velhice) sejam eurocentrados e de pouca conexão com perspectivas ameríndias e africanas ou afro-brasileiras, serão referenciados como premissa de diálogo e na busca das distinções necessárias na vida das jovens com quem convivemos na pesquisa, condicionadas ainda pela vida estabelecida em contexto de urbanidade.

Constituir-se como jovem quilombola pode estar relacionado ao fato de crescer em contato com a referência do jeito de viver dos ancestrais. Portanto, o diálogo com *os mais velhos*, termo afetoso bastante utilizado nessas comunidades, é condicionante imprescindível nas aprendizagens de vida. A epígrafe que introduz a escrita deste artigo tem relação com essa afirmação. A menção que Antônio Bispo dos Santos faz aos seus mestres e mestras quilombolas é de reconhecimento, de gratidão aos saberes alicerçados nos modos e significados de ver e viver a vida adquiridos, traduzidos e relatados por Bispo²⁹. A escrita de Bispo é, assim, moldada por narrativas em que o saber não é privatizado e sim compartilhado. Saberes, como ele ressalta, orgânicos, amplos, misturados, plurais. Um saber vivo. Portanto, quando fazemos referência aos mais velhos, agrega-se um valor tamanho aos saberes traduzidos difícil de dimensionar, pela partilha e respeito herdados e que serão perpetuados.

Chamaremos essas interações de relações intergeracionais e estabeleceremos distinções entre formas de diálogo na comunidade quilombola e na escola, a partir dessa forma interativa.

Relações intergeracionais expressam a diversidade no relacionamento entre diferentes grupos com experiências de vida distintas, relativas ao tempo. Nas práticas escolares, as relações intergeracionais são marcadas pela ideia de autoridade hierárquica superior e de disciplina, o que dificulta sua compreensão como possibilidade de troca de saberes. As relações intergeracionais sofrem transformações e é justamente no mundo contemporâneo que se observam as mudanças mais expressivas na forma como se relacionam distintos grupos nessa perspectiva. A valorização da juventude, como referência de melhor fase da existência humana

²⁹ SANTOS, 2015.

e um consequente desejo de prolongamento dessa experiência nas trajetórias sociais e individuais, é própria das sociedades coloniais e capitalistas. Já o enaltecimento dos mais velhos e das crianças pode ser observado nas sociedades tradicionais quilombolas e indígenas.

Falar em juventude é falar em diversidade, sendo que a mudança e a possibilidade de pensar sobre ela são características fundamentais para a compreensão dos jovens numa perspectiva cultural e histórica. Perondi e Vieira³⁰ realizam a discussão conceitual do termo juventude, ressaltando que os jovens deixaram de ser apenas compreendidos como se estivessem em transição para a vida adulta ou então como se fossem apenas um contingente de indivíduos abrangidos por determinada faixa etária, no que seguem afirmando que:

Tornou-se quase um consenso conceber a juventude em sua diversidade, tanto que o plural juventudes substituiu o singular e passou a ser largamente adotado. O uso plural reage ao fato de que, nas abordagens mais tradicionais sobre juventude, os jovens são pensados como integrantes de uma cultura juvenil homogênea. Viver a juventude em um mesmo tempo pode levar jovens de diferentes contextos sociais e culturais a partilharem linguagens, estilos, sentimentos, práticas e valores comuns.³¹

Podemos pensar que a juventude é um período constituído pela mudança como centralidade, em que o corpo, a afetividade, as referências sociais e grupais se constituem num novo patamar da experiência vital. Somos convocados a dizer quem somos e quem poderemos ser, do que gostamos, de quem gostamos, enfim, fazemos aprendizados que são significativos para o resto da vida. A forma como se experimenta o que os identifica como jovens é vivida de maneira diferente a partir de peculiares situações, que se encontram, sobretudo, em seu grupo social, onde se destacam “[...] etnia, gênero, territorialidade, religião, etc. Isso implica perceber a diversidade dos modos como os jovens vivem a condição juvenil de um mesmo tempo/espço/cultura”³². Essa perspectiva desloca a atenção dos conteúdos da experiência para os processos da construção de cada sujeito ou grupo. Ao invés de descrever os conteúdos próprios dessa fase da vida e explicar os sujeitos a partir deles, busca-se compreender os processos vivenciados pelo sujeito, envolto em seu entorno cultural e histórico. Um exemplo desse modo de compreensão dos sujeitos é a importância atribuída à juventude entre os grupos populares como período de opções basilares, uma vez que uma escolha pelo tráfico de drogas ou pela gravidez, nessa época, pode resultar em situações emblemáticas para a vida inteira. Um ponto para refletir é a relação que muitas vezes são vistas entre jovens e casos atrelados à

³⁰ PERONDI, Maurício; VIEIRA, Patrícia Machado. A construção social do conceito de juventudes. In: PERONDI, Maurício *et al* (Orgs.). *Infâncias, adolescências e juventude na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, p. 49-62.

³¹ PERONDI; VIEIRA, 2018, p. 49.

³² PERONDI; VIEIRA, 2018, p. 50.

violência, frequentemente pautados em discussões sobre direitos humanos, tendo em vista que constituem o segmento populacional que mais sofre homicídios e também “[...] corresponde ao grupo com maior número de pessoas encarceradas”³³.

A escola é um espaço institucional e sociocultural e as relações sociais presentes nesse ambiente estão conectadas com as experiências socioculturais e com a forma como os sujeitos delas se apropriam. O racismo marca e estrutura nossa sociedade e nossas instituições.

A escola é um lugar de relações intergeracionais, onde adultos e jovens encontram-se em trajetórias distintas. Igualmente a comunidade quilombola o é. Quais as confluências e transfluências em cada um desses espaços? O adulto tem um papel primordial nas experiências vividas pelo jovem, colocando-se na perspectiva da escuta (inclusive dos silêncios), da interlocução, do estabelecimento de limites, do estar próximo, afirmando-se como exemplo. O adulto é inquirido a estabelecer-se como referência de maturidade³⁴, especialmente nas sociedades contemporâneas urbanizadas, nas quais a experimentação vivida entre a infância e a adultez cada vez delinea-se de forma mais difusa. No caso dos jovens quilombolas, na escola, espera-se um espaço de escuta e de referenciação positiva das suas ancestralidades, conforme as determinações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. É interessante assinalar que, pelas Diretrizes, as instituições educacionais devem privilegiar a memória coletiva, as práticas culturais e territorialidade, entre tantos outros elementos. Os jovens quilombolas também são indispensáveis para alicerçarem a formação dessa memória coletiva, ao cultivarem vínculos com os mais velhos, desempenhando papel importante nesse percurso e nos usos e absorção das práticas culturais, no viver e ser daquele lugar, seu território.

No primeiro semestre de 2017, a pesquisa “Percurso da educação quilombola em comunidades urbanas: o caso do Areal da Baronesa em Porto Alegre” foi desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de especialização. A pesquisa incluiu presença em algumas escolas que atendem esses jovens quilombolas, com o objetivo de analisar a abordagem da temática quilombola. Naquele momento, concluiu-se a quase inexistência da importante discussão acerca dessas aproximações e a necessidade de tentar eliminar os distanciamentos do reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais. Há uma realidade carente de política pública educacional capaz de fazer a interação com essa comunidade, de forma a fortalecer positivamente sua história e cultura e alcançar os jovens que nela se

³³ PERONDI; VIEIRA, 2018, p. 52.

³⁴ FABBRINI; MELUCCI, 2004.

desenvolvem. Em geral, tais jovens possuem um sentimento ambíguo de afeto e vergonha em relação ao seu espaço comunitário e familiar.

Atualmente em fase de pesquisa e escrita de dissertação acadêmica no campo da Educação, foram identificadas, a partir da escuta de dois jovens quilombolas³⁵, pertencentes ao grupo *Influência Jovem*³⁶, numa metodologia de entrevista compreensiva³⁷, novos modos de compartilhamento de experiências e vivências em suas instituições escolares. As falas compartilhadas nas entrevistas ajudaram a observar como os processos de confluência e transfluência, conceitos consagrados por Antônio Bispo dos Santos, operam na vida dessas comunidades e desses jovens. Vejamos a definição desses conceitos nas palavras de Nêgo Bispo:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta. É a partir dessas leis que se geram os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético.³⁸

Nêgo Bispo trabalha bastante com as significações da periferia e suas representações. Embora mencionemos aqui “significações”, Bispo não coloca sua comunidade num contexto de periferia, mas, sim, como povos contra colonialistas. Nêgo Bispo, em *Significações da periferia*³⁹, entende que entre esses povos há trajetórias com composição diferente, havendo um enfrentamento. E, dentro do contra colonialismo, existem as confluências, o confluir, em que os povos vão se encontrando, vão se fortalecendo, num processo cíclico. Já os colonialistas não confluem com ninguém, “ele influi”⁴⁰. O processo colonialista acaba executando um processo de influência. Compreendemos que a experiência da comunidade do Areal da Baronesa está no

³⁵ Dois jovens foram entrevistados, em face ao desenvolvimento da pesquisa de mestrado, sendo uma jovem mulher, de 19 anos, e um jovem homem, de 17 anos. Para melhor organização e para permitir o anonimato, os dois serão identificados como Entrevistada A e Entrevistado B, respectivamente. Para entrar em harmonia com os pensamentos de Nêgo Bispo, falaremos algumas vezes em “conversa”, termo que este privilegia bem mais do que o termo entrevista.

³⁶ O grupo *Influência Jovem* está no Facebook, através da página: <https://www.facebook.com/influenciajovem.areal>.

³⁷ KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

³⁸ SANTOS, 2015, p. 89.

³⁹ SIGNIFICAÇÕES da periferia: representações, confluências e transgressões. Rio de Janeiro: Instituto Maria e João Aleixo, 2019. 1 vídeo (25min42s). Apresentado por Antonio Bispo dos Santos. Publicado pelo canal Instituto Maria e João Aleixo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE>. Acesso em: 2 maio 2020.

⁴⁰ SIGNIFICAÇÕES da periferia, 2019.

contexto das diferenciações entre os povos contra colonialistas, capazes de confluir e se fortalecer internamente e externamente. Acerca da vivência no Areal, uma jovem explicita:

“A gente era muito desligado na questão da nossa cultura enquanto pessoas negras...”
(Entrevistada A e Entrevistado B, 2020).

Essa afirmação desvela que o processo de conhecimento de si mesmo e da comunidade quilombola é algo que sofre influências internas e externas. Externamente a escola é descrita como espaço desvinculado da comunidade, especialmente nas experiências de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Durante a conversa, a Entrevistada A e o Entrevistado B ressaltam que suas visões sobre morar no quilombo urbano foram se modificando a partir do processo do reconhecimento de sua entrada na juventude e no Ensino Médio. Eles destacam que a convivência com pessoas brancas no Ensino Fundamental foi impactante. Vejamos suas falas:

“Entrei no 9º ano no Colégio Emílio⁴¹...” (Entrevistada A, 2020).

“Eu entrei no 7º ano.” (Entrevistado B, 2020).

“Os professores começaram a nos induzir a ler mais, a pesquisar mais, entendeu!?” (Entrevistada A, 2020).

“Isso.” (Entrevistado B, 2020).

“Até o 1º ano do ensino médio eu não dizia que era quilombola, que morava num quilombo.”
(Entrevistada A, 2020).

A partir das falas identificamos uma “confluência de experiências”⁴², que se expressa em mudanças no autoconhecimento e no reconhecimento da comunidade a que pertencem, resultantes de saberes compartilhados em suas relações cotidianas dentro e fora do quilombo. Nêgo Bispo afirma que a mais importante confluência é a confluência dos saberes⁴³. Os jovens vão assimilando as informações e conhecimentos diante das experiências que vão consolidando acerca da importância histórica do território em que vivem. Como a Entrevistada A destacou, complementada pelo Entrevistado B, os olhares sobre sua própria cultura foram transcendendo. É um processo cíclico, um processo que vai sendo estimulado por diversos fatores, frutos das experiências vividas e compartilhadas. Com isso, chegamos ao conceito de transfluência, que é

⁴¹ “Emílio” se refere ao Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, localizado em bairro próximo da comunidade quilombola.

⁴² SANTOS, 2015, p. 91.

⁴³ SIGNIFICAÇÕES da periferia, 2019.

a força que ocupa esses “lugares vazios”⁴⁴, fortalecendo essas identidades, transfluindo, ou, como Nêgo Bispo menciona anteriormente, regendo as relações de transformação, que ensina, se mistura, se pluraliza⁴⁵. Portanto, um momento no qual é enaltecida a força que nos move, um momento de autoafirmação, empoderamento. Com o empoderamento e olhares mais sensíveis quanto ao protagonismo jovem quilombola, surge o projeto Influência Jovem⁴⁶, criado em 17 de maio de 2019, tendo como objetivo:

[...] Reunir crianças e adolescentes, pois os moradores têm uma visão distorcida do que se espera sobre a união, o reconhecimento e lutas. O grupo também chama a atenção dos jovens de dentro da comunidade para a necessidade de buscar e conseguir melhorias para eles mesmos e desenvolve várias atividades na comunidade.⁴⁷

Entre as atividades da iniciativa Influência Jovem estão o Areal Quentinho, o Cine Quilombola e Dia da Beleza. Devido à pandemia do novo coronavírus, desde março de 2020, as atividades do Influência Jovem foram suspensas, o que impediu a comemoração pelo primeiro aniversário da existência do projeto, criado e desenvolvido pelos próprios jovens do Quilombo, incluídos nossos dois entrevistados. Os entrevistados A e B destacaram que o interesse em viabilizar esse projeto surgiu quando estes verificaram que outras comunidades quilombolas urbanas tinham seus jovens organizados. Segundo os dois,

“Vimos que as comunidades quilombolas estavam relativamente bem organizadas, e a gente não. Eles tinham identificação, tinham camisetas, tinham alguma coisa neles que diziam que eles eram pertencentes daquela comunidade quilombola.” (Entrevistada A, 2020).

“De primeira, a ideia era trazer todos os jovens quilombolas para a militância com a gente. O que não rolou.” (Entrevistado B, 2020).

Portanto, jovens de fora da comunidade foram sendo agregados para trabalharem junto com eles, construindo uma agenda contundente de projetos que ainda estão por vir na comunidade. Vale salientar que todo o preparo é feito pelos integrantes do grupo, demandando seus tempos e energias, organização, disposição, para além da dedicação ao estudo e ao trabalho. O espírito comunitário e não mercadológico ou financeiro é o que impulsiona esses jovens, inspirados no que denominamos de valores civilizatórios afro-brasileiros⁴⁸.

⁴⁴ SIGNIFICAÇÕES da periferia, 2019.

⁴⁵ SANTOS, 2015.

⁴⁶ Fanpage do projeto, onde encontramos todas as atividades desenvolvidas pelo Influência Jovem: <https://www.facebook.com/influenciajovem.areal>.

⁴⁷ MARTINS, Marcio Meireles (Org.). *Memórias de trabalho e não trabalho quilombola*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: TRT4/Memorial, 2019, p. 82.

⁴⁸ TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (Orgs.). *Modos de Brincar*:

Considerações finais

Os jovens que vivem nas comunidades quilombolas de Porto Alegre não possuem escolas em seus territórios. Caminham física e simbolicamente, saindo de suas comunidades, carregando junto os processos de confluências e transfluências ali vividos. Esses processos são compreendidos, a partir de Nêgo Bispo, como contra colonialistas, em comparação a comunidades rurais. Numa comunidade urbana, como a do Areal da Baronesa, provavelmente há mais influências dos saberes colonialistas, do projeto que é hegemônico na sociedade e na escola. Os territórios negros urbanos não se veem longe de tal condição, ao mesmo tempo, como bem destaca Nêgo Bispo⁴⁹, é possível sentir o saber orgânico oriundo e compartilhado das formas de constituição histórica e dos processos socioculturais de territorialização promovidos pelos grupos étnico-raciais negros, conceitualmente falando, no que se refere ao quilombo urbano.

Esses projetos se conflitam nas experiências cotidianas de todos, provavelmente com intensidade distinta para os jovens, pois vivem o momento de construção de quem são, quais diferenças o constituem na qualidade de quilombolas, numa perspectiva de autoafirmação positiva, pessoal e grupal.

O contexto atual, em termos de legislação, no Brasil e no mundo, é favorável ao movimento de construção de políticas educacionais antirracistas e de implementação de uma educação escolar que priorize a história e a cultura dos jovens quilombolas. Nenhum indivíduo deve ser compreendido fora da perspectiva cultural em que se constitui. Ao pensarmos que a diversidade é uma característica das relações que se estabelecem na contemporaneidade, também a ideia de fazer parte de uma geração com características homogêneas deve ser relativizada. Os seres humanos não repetem em suas vidas um ciclo único e universal, categoricamente dividido em etapas, em que infância, juventude, adultez e velhice se sucedem em vivências similares independentes dos contextos em que se desenvolvem. Ao contrário, a vida humana é a possibilidade de traçar trajetórias próprias conforme o contexto social e histórico em que se realiza. Conjetura que permite afirmar que um sujeito pode ser considerado jovem independente da sua faixa etária, a depender da sociedade em que se firma

caderno de atividades, saberes e fazeres. Coleção A Cor da Cultura, v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

⁴⁹ NÊGO BISPO, 2019.

como tal, e a experiência dessa juventude será matizada pela posição social ocupada, assim como por questões de gênero, racialidade, entre outras.

Educação é vida e há distintas formas de educar. Há inclusive o questionamento, interposto por Nêgo Bispo, de que ensinar diferencia-se de educar, pois admite uma composição de sabedorias que ultrapassa os conteúdos curriculares. Uma sabedoria que os jovens colaboradores da análise que aqui empreendemos parecem estar construindo, por meio de organizações como o grupo Influência Jovem. Esses jovens nos mostram que estão descobrindo a si mesmos e ao mundo que os circunda, com seus povos e projetos distintos.

Referências

- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Territórios negros residenciais e interacionais: quilombos, vilas e bairros residenciais rurais e urbanos. *In*: BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho; SABALLA, Viviane Adriana (Orgs.). *Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012a. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_8_201112.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019. (grifo nosso)
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 16/2012*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF, 2012b. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.
- COSTA, Ângela Maria Faria da. *Quilombos urbanos, segregação espacial e resistência em Porto Alegre/RS: uma análise a partir dos Quilombos do Areal e da Família Silva*. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/a-musica-entra-em-cena-o-rap-e-o-funk-na-socializacao-da-juventude-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FABBRINI, Anna; MELUCCI, Alberto. *A idade de ouro*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

GEORGINA Helena Lima fala sobre educação escolar quilombola. Brasília, DF: EBC, 2012. 1 vídeo (24min52s). Apresentado por Georgina Helena Lima Nunes. Publicado pelo canal EBC na Rede. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4HNACpq32VA&t=164>. Acesso em: 2 ago. 2020.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LULA, Júlia Barreto. Quilombos urbanos: integração, resistência e multiculturalismo. *Revista África e Africanidades*, Ano XI, n. 29, fev. 2019. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/0020022019.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MARQUES, Olavo Ramalho; MATTOS, Jane Rocha de. “Morar em casa de avenida” - *Quilombo do Areal: legatários do Areal da Baronesa (Relatório Sócio-Histórico-Antropológico)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH; INCRA, 2005.

MARQUES, Olavo Ramalho. *Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARTINS, Marcio Meireles (Org.). *Memórias de trabalho e não trabalho quilombola*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: TRT4/Memorial, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. Em busca de uma ancestralidade brasileira. *Fazendo Escola*, Alvorada, v. 2, p. 40-42, 2002.

NÊGO Bispo, saberes quilombolas – Parte 2. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. 1 vídeo (21min04s). Apresentado por Antonio Bispo dos Santos. Publicado pelo canal Encruzilhada Grupo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeoo5DYc&t=288s>. Acesso em: 10 abr. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

PERONDI, Maurício; VIEIRA, Patrícia Machado. A construção social do conceito de juventudes. In: PERONDI, Maurício et al (Orgs.). *Infâncias, adolescências e juventude na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, p. 49-62.

RÁDIO SENADO. *Família Silva: primeiro quilombo urbano regularizado no Brasil*. Reportagem de Larissa Bortoni e Maurício de Santi. 2 áudios (14min38s e 12min20s). Brasília, Senado Federal, 13 maio 2009. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/157143>. Acesso em: 10 jul. 2020.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Conselho Estadual de Educação. *Resolução nº 297*, de 07 de janeiro de 2009. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://www.ceed.rs.gov.br/download/1231755878reso_0297. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: UnB/INCTI, 2015.

SIGNIFICAÇÕES da periferia: representações, confluências e transgressões. Rio de Janeiro: Instituto Maria e João Aleixo, 2019. 1 vídeo (25min42s). Apresentado por Antonio Bispo dos Santos. Publicado pelo canal Instituto Maria e João Aleixo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE>. Acesso em: 2 maio 2020.

SOMMER, Michelle Farias. *Territorialidade negra: a herança africana em Porto Alegre: uma abordagem sócio-espacial*. Porto Alegre: Michelle Farias Sommer/Fumproarte/Secretaria Municipal da Cultura, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação. *Juventude e Escolarização (1980-1998)*, Brasília, DF, n. 7, p. 7-33, 2002. Série Estado do Conhecimento. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/estadoconhecimento/article/view/4406/3755>. Acesso em: 5 jun. 2020.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (Orgs.). *Modos de Brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Coleção A Cor da Cultura, v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.